

AYAAN HIRSI ALI

Nômade

Do islã para a América

Tradução

Augusto Pacheco Calil



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Ayaan Hirsi Ali

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nomad: From Islam to America — a personal journey through the clash of civilizations

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

Tess Steinkolk

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Thaís Totino Richter

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hirsi Ali, Ayaan

Nômade : Do islã para a América / Ayaan Hirsi Ali ; tradução Augusto Pacheco Calil. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Nomad : From Islam to America — a personal journey through the clash of civilizations.

ISBN 978-85-359-1935-6

1. Hirsi Ali, Ayaan, 1969 – 2. Islã – Aspectos sociais 3. Muçulmanas – Direitos civis 4. Muçulmanas – Direitos civis – Europa 5. Muçulmanas – Estados Unidos – Autobiografia 6. Mulheres refugiadas – Holanda – Autobiografia 7. Reformadoras sociais – Estados Unidos – Autobiografia 8. Somalis – Estados Unidos – Autobiografia 9. Somalis – Holanda – Autobiografia 1. Título.

11-07851

CDD-305.89350473

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Mulheres muçulmanas : Sociologia : Relato autobiográfico 305.89350473

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	11
----------------------	----

PRIMEIRA PARTE: UMA FAMÍLIA-PROBLEMA

1. Meu pai	29
2. Minha meia-irmã	43
3. Minha mãe	55
4. A história do meu irmão	78
5. O filho do meu irmão	105
6. Meus primos	120
7. Carta à minha avó	136

SEGUNDA PARTE: NÔMADE OUTRA VEZ

8. Nômade outra vez	149
9. América	168
10. O islã na América	191

TERCEIRA PARTE: SEXO, DINHEIRO, VIOLÊNCIA

11. Escola e sexualidade	219
------------------------------------	-----

12. Dinheiro e responsabilidade	241
13. A violência e o fechamento da mente muçulmana	267

QUARTA PARTE: REMÉDIOS

14. Abrindo a mente muçulmana: <i>Um projeto iluminista</i> . . .	293
15. Desonra, morte e feministas	311
16. Buscando Deus, mas encontrando Alá	334

Conclusão: O <i>miyé</i> e a <i>magaalo</i>	359
Epílogo: <i>Carta à minha filha ainda não nascida</i>	369
A Fundação AHA	385
Sobre a autora	387

PRIMEIRA PARTE:
UMA FAMÍLIA-PROBLEMA

1. Meu pai

Ao entrar na Unidade de Terapia Intensiva do Royal London Hospital para ver meu pai, recei ter chegado tarde demais. Ele estava estirado no leito hospitalar, com a boca estranhamente aberta, e numerosas e ameaçadoras máquinas estavam ligadas ao seu corpo. Elas emitiam bipes e tiques, e as linhas que se erguiam e mergulhavam em rápida sucessão nos seus monitores pareciam indicar uma breve contagem regressiva até a sua morte.

“*Abeh*”, gritei com toda a força. “*Abeh*, sou eu, Ayaan.”

Apertei a mão dele entre as minhas e, ansiosa, beijei sua testa; os olhos do meu pai se abriram subitamente. Ele sorriu, e o calor de seu olhar e seu sorriso encheram toda a sala. Pus a palma das minhas mãos sobre a mão direita dele, e ele as apertou e tentou falar, tentou obrigar algumas palavras a saírem. Mas só o que consegui foi emitir um chiado e tossir sem fôlego. Fez esforço para se sentar, mas não era capaz de sustentar o peso do próprio corpo.

Ele estava coberto com lençóis brancos, e dava a aparência de estar amarrado na cama. Calvo, parecia ser muito menor do

que nas minhas lembranças. Havia um terrível tubo em sua garganta que fornecia a ele oxigênio por meio de um respirador; outro tubo saía de seus rins para uma máquina de diálise, e um emaranhado de tubos entrava-lhe pelo pulso. Sentei-me ao lado dele e acariciei-lhe o rosto, dizendo: “*Abeh, abeh*, está tudo bem. *Abeh*, meu pobre *abeh*, o senhor está tão doente”.

Ele não pôde responder. Quando tentava falar, caía novamente na cama, com o peito ofegante, e a máquina que lhe fornecia oxigênio sibilava em busca de mais ar. Então, depois de repousar por alguns instantes, ele fazia nova tentativa. Indicava com a mão direita que queria uma caneta para escrever, mas mal era capaz de segurá-la; seus músculos estavam muito fracos, e só conseguia fazer rabiscos no papel. O esforço para segurar a caneta era tamanho que começou a escorregar para fora da cama.

A ala hospitalar era ampla, e as enfermeiras estavam ocupadas trocando lençóis e dando remédios. Percebi que o médico tinha sotaque e, por um instante, pensei que fosse do México. Quando perguntei de onde vinha, ele me disse que era espanhol. A ala era administrada quase que exclusivamente por imigrantes. Não soube distinguir os enfermeiros dos médicos e, enquanto olhava ao redor, tentei adivinhar a origem dos membros da equipe, dos técnicos e dos faxineiros: a península indiana, negros que pensei serem da África oriental ou ocidental, pessoas que pareciam do norte da África, algumas mulheres com lenços na cabeça sobre os uniformes médicos. Se havia funcionários somalis na ala, eu não os vi nem eles me viram, felizmente.

Uma das enfermeiras desenrolou um avental de plástico, amarrou-o ao redor da cintura e pediu que eu me afastasse, mas meu pai não quis me soltar e tive de forçar seus dedos a largarem minha mão. A enfermeira o deixou numa posição mais ereta, apoiando-o em travesseiros e olhando para mim com interesse. Uma das enfermeiras me disse que tinha lido uma reportagem

sobre mim numa revista, e por isso algumas delas sabiam quem eu era. Afastei o olhar e reparei no prontuário médico afixado à cama; meu pai estava registrado como Hirsi Magan Abdirahman, apesar de seu nome ser Hirsi Magan Isse.

Um jovem médico me contou que meu pai tinha leucemia. Ele poderia ter sobrevivido por mais um ano se não tivesse desenvolvido uma infecção, que se tornara séptica. Apesar de ter saído do coma no qual entrara alguns dias antes, apenas os aparelhos o mantinham vivo. Perguntei seguidas vezes se meu pai estava sentindo dor, mas o médico disse que não; que havia desconforto, mas não dor.

Perguntei ao médico se poderia tirar uma foto com meu pai. Ele respondeu que não. Disse que para isso seria necessário pedir permissão ao paciente, e o paciente não estava em condições de tomar esse tipo de decisão.

Em 1992, quando o deixei em Nairóbi, meu pai era um homem forte e vivaz. Ele podia ser feroz, até assustador — um leão, um líder entre os homens. Durante minha infância ele foi meu lorde, meu herói, alguém cuja ausência era misteriosa, por cuja presença eu ansiava, cuja aprovação significava tudo e cuja ira eu temia.

Agora eram muitas as desavenças entre nós. Eu o ofendera profundamente em 1992, ao fugir do marido somali que ele escolhera para o meu matrimônio. Ele tinha me perdoado por isso; conversamos sobre o assunto, pouco à vontade, pelo telefone. Uma década mais tarde eu o ofendi novamente, quando me declarei incrédula e critiquei abertamente o tratamento dispensado pelo islã às mulheres. Nosso último conflito — o pior — ocorreu depois que fiz um filme sobre o abuso e a opressão a que são submetidas as muçulmanas, *Submission*, com Theo van Gogh, em 2004.

Depois desse episódio meu pai simplesmente parou de atender aos meus telefonemas; ele se recusou a falar comigo. Algum tempo depois da morte de Theo, quando tive de me esconder e meu telefone foi tirado de mim, parei de tentar entrar em contato com ele. Quando as pessoas me perguntavam a seu respeito, eu respondia apenas que éramos distantes.

Descobri sobre a doença dele em junho de 2008, algumas semanas antes de sua morte. Eu tinha recebido uma mensagem de Marco, meu ex-namorado holandês, dizendo que minha prima que vivia na Inglaterra, Magool, estava me procurando com urgência. Ela não é próxima da família do meu pai, mas tem recursos. Quando minha meia-irmã, Sahra, percebeu como papai estava doente, ela pediu a Magool que tentasse me encontrar, e Magool telefonou para Marco, a única pessoa de quem eu havia sido próxima que ela conhecera, cinco anos antes, da última vez que havíamos conversado.

Telefonei para meu pai em seu apartamento num conjunto habitacional localizado no East End de Londres. Já era tarde da noite onde ele se encontrava, e fazia uma linda tarde de sol na Costa Leste dos Estados Unidos, onde eu estava. Minhas mãos tremiam. Quando atendeu ao telefone, sua voz era exatamente como deveria ser, forte e enérgica. Ao ouvir a voz dele percebi as lágrimas enchendo meus olhos e disse a única coisa que quis transmitir, que eu o amava, e pude ouvi-lo sorrir, um sorriso tão poderoso que pareceu atravessar a linha telefônica.

“É claro que você me ama!”, irrompeu ele. “E é claro que eu te amo! Você não viu como os pais acalentam e se relacionam com seus filhos? Não viu na natureza como os animais cuidam de suas crias e as lambem? É claro que eu te amo. Você é minha filha.”

Eu disse a meu pai o quanto queria vê-lo, mas expliquei que poderia ser difícil garantir minha segurança numa visita ao seu apartamento, localizado numa área onde predominam os imi-

grantes, em sua maioria muçulmanos. Visitar um lugar como aquele desprotegida seria como um inseto minúsculo voar em uma sala repleta de imensas teias de aranha: a mosquinha pode chegar ao outro lado sem nada sofrer, mas se for apanhada as consequências são óbvias. No entanto, se fosse até lá *acompanhada* pela polícia, isso certamente causaria ressentimentos, transmitindo a impressão de que eu não podia confiar nem em minha própria família.

“Segurança!”, bradou meu pai. “Você precisa de segurança para quê? Alá vai protegê-la de todos que desejarem fazer mal a você! Ninguém de nossa comunidade vai encostar um dedo em você. Além disso, nossa família nunca foi conhecida pela covardia! Aliás, outro dia, um dos membros mais destacados de nosso clã disse que desejava debater com você. Se quiser, posso pedir a eles que reúnam uma delegação para levá-la a Jidá, para que você possa conversar com ele na Arábia Saudita! Por que não convoca uma coletiva de imprensa para anunciar que não é mais uma infiel? Diga a eles que voltou ao islã e que agora é uma mulher de negócios!”

Ri do meu pai em voz baixa e durante algum tempo me dediquei apenas ao prazer de ouvi-lo falar. Então perguntei sobre sua saúde. Ele respondeu: “Lembre-se, Ayaan, que nossa saúde e nossa vida estão nas mãos de Alá. Estou a caminho do além. O que quero, filha querida, é que você leia apenas um capítulo do Alcorão. *Laa-uqsim Bi-yawmi-il-qiyaama*”.

Ele recitou — em árabe, é claro, apesar de estarmos conversando em somali — a sura da ressurreição:

Juro pelo Dia da Ressurreição! E juro pela alma, constante censora de si mesma, que ressuscitareis. O ser humano supõe que não lhe juntaremos os ossos? Sim! Juntar-lhos-emos, sendo Nós Poderosos para refazer-lhe as extremidades dos dedos. Mas o ser humano de-

seja ser ímpio, nos dias que tem à sua frente. Ele interroga: “Quando será o Dia da Ressurreição?”*

Eu disse a meu pai que não mentiria para ele e que não acreditava mais no exemplo do Profeta. Ele me interrompeu, e o tom de sua voz se tornou apaixonado, impaciente, depois admoestador. Ele leu para mim outros versos do Alcorão, traduzindo-os para o somali, e listou muitos exemplos de pessoas que tinham deixado o islã como eu, mas depois voltaram para a fé. Ele falou das hordas de não muçulmanos que se convertiam em todo o mundo e a respeito do único Deus verdadeiro; ele me alertou para não colocar em risco minha existência no além.

Enquanto o ouvia, disse a mim mesma que aquele discurso professoral vinha de um pai que expressava seu amor da única maneira que sabia. Queria acreditar que o fato de ele estar me orientando significava que, em algum sentido mais profundo, ele tinha começado a me perdoar pela pessoa que havia me tornado. Entretanto, acho que não foi nada disso. Talvez ele estivesse apenas cumprindo seu dever. O fato de eu viver como uma ocidental significava que tinha perdido minha honra; eu vestia roupas ocidentais, o que para ele não era melhor do que se não usasse roupa nenhuma. O pior de tudo é que eu tinha abjurado do islã e escrito um livro com o ousado e triunfante título de *Infidel* para proclamar minha apostasia. Mas meu pai sabia que sua vida estava chegando ao fim e queria se certificar de que todos os filhos, apesar de seus erros, estivessem no caminho que leva ao Paraíso.

Deixei-o falar. Não fiz falsas promessas de conversão. Se as

* Os trechos do Alcorão que aparecem neste livro foram tirados da tradução para a língua portuguesa feita pelo dr. Helmi Nasr, professor de estudos árabes e islâmicos na Universidade de São Paulo, com a colaboração da Liga Islâmica Mundial. (N. E.)

tivesse feito, talvez desse mais paz a ele, mas não pude fazê-lo, não pude mentir a respeito disso. Consegui dizer gentilmente que, apesar de não concordar mais com o islã, eu ainda lia o Alcorão. Não acrescentei que a cada releitura eu me tornava mais crítica em relação às suas mensagens.

Ele irrompeu em uma série de súplicas: “Que Alá a proteja, que Ele a traga de volta para o rumo correto, que Ele a leve ao Paraíso no além, que Alá a abençoe e preserve sua saúde”. Ao fim de cada súplica, respondi com a fórmula exigida: “*Amin*”, que assim seja.

Depois de algum tempo disse a meu pai que precisava tomar um avião. Ele não perguntou para onde nem por quê; percebi que os detalhes dos assuntos terrenos tinham pouca importância para ele agora. Então desliguei, deixando entre nós muitas outras coisas por dizer, e quase perdi o avião que me levaria ao Brasil para uma conferência sobre multiculturalismo.

No fim de junho, após a conferência no Brasil, eu deveria ir até a Austrália para participar de um colóquio sobre o Iluminismo. Planejei visitar meu pai no fim do verão. Mas em meados de agosto, quando estava voltando da Austrália, recebi outro telefonema de Marco durante uma parada em Los Angeles. Meu pai estava em coma.

Telefonei novamente para minha prima, Magool, e ela me deu o número do celular da minha meia-irmã, Sahra. Quando vi a filha mais nova do meu pai pela última vez, em 1992, Sahra estava com oito ou nove anos, uma criança franzina e energética. Conhecemo-nos quando parei na Etiópia durante a viagem da minha casa, no Quênia, até a Alemanha. De lá, sob as ordens do meu pai, eu deveria ir ao Canadá para me unir a um homem que mal conhecia, um primo distante que havia se tornado meu marido.